

Anuário Trase 2018

Sustentabilidade das cadeias de produção: risco de desmatamento na exportação da soja Brasileira

Sumário Executivo

O Anuário Trase apresenta os últimos estudos sobre a sustentabilidade das cadeias globais de produção de commodities agrícolas associadas ao desmatamento tropical, com base nos dados de transparência exclusivos da Trase. Esses dados permitem conectar a produção de commodities e seus impactos associados a desmatamento, com empresas e mercados consumidores.

O Anuário Trase destina-se a distintos públicos permitindo a empresas e governos gerenciar riscos e direcionar investimentos a formas de produção sustentável. Adicionalmente o Anuário permite um maior controle social, monitorando e verificando o cumprimento dos compromissos e metas referentes a redução de desmatamento nas principais cadeias do agronegócio.

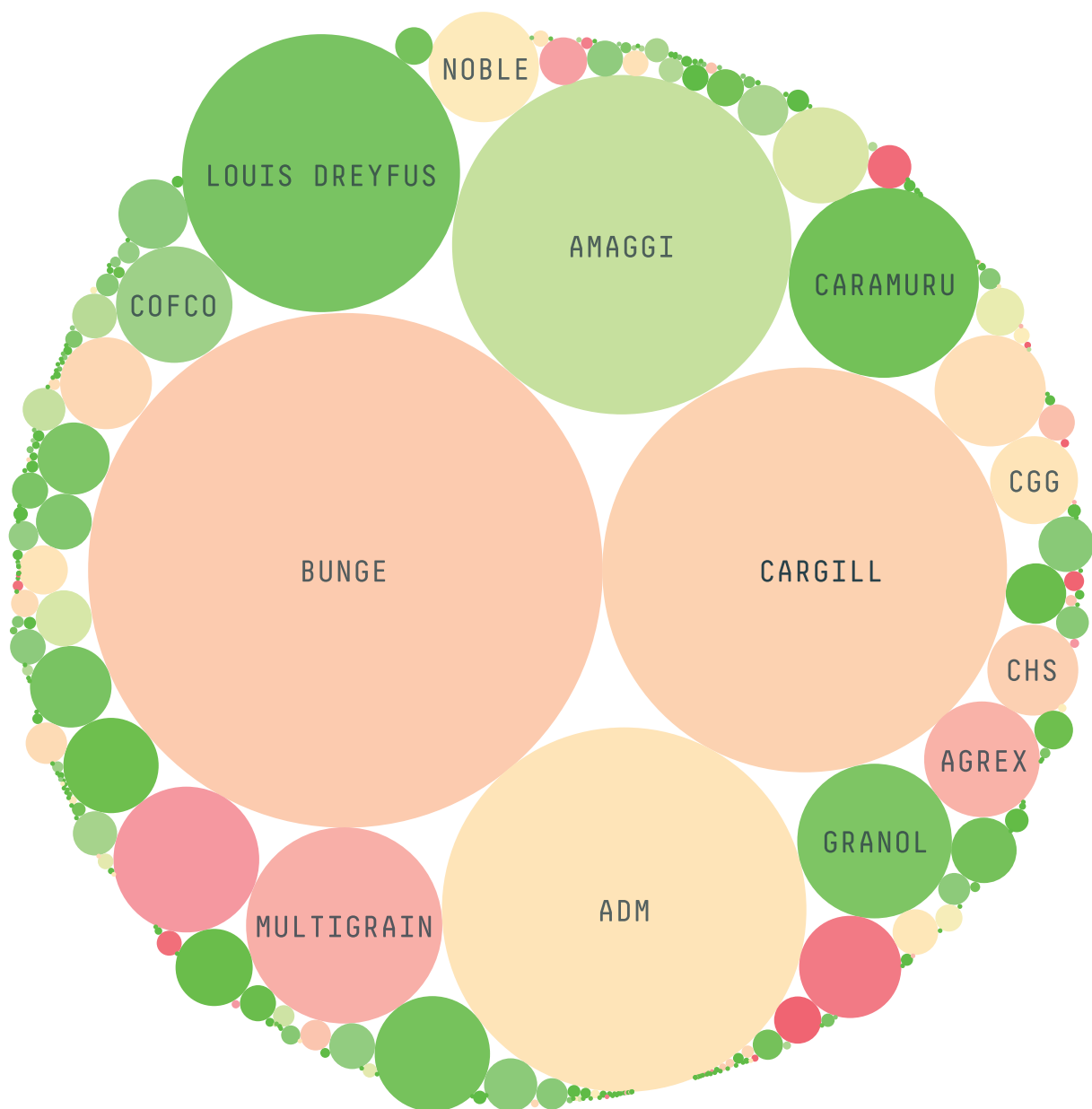
O primeiro volume do Anuário Trase se concentra na produção de soja na América do Sul e particularmente, no líder dos países emergentes em exportação de soja, o Brasil.

O Anuário fornece uma primeira avaliação sistemática de:

- ✓ padrões de abastecimento de grandes empresas e países compradores;
- ✓ risco de desmatamento associado às principais empresas envolvidas nas exportações de soja brasileira;
- ✓ “risco de desmatamento” associado aos principais mercados consumidores, incluindo a União Europeia e a China;
- ✓ ligações entre compromissos de desmatamento e mudanças no uso do solo.

Destaques na América do Sul e Brasil

A América do Sul tornou-se líder mundial na produção e exportação de algumas das mais importantes commodities associadas ao risco ambiental. Em 2017, mais de 450 milhões de toneladas de soja, óleo de palma, produtos de cana-de-açúcar, milho, cacau e café foram exportadas pelos maiores países produtores de commodities de risco ambiental da região: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru e Uruguai. As análises apresentadas na plataforma Trase (trase.earth) mostram que mais da metade deste volume de exportação foi movimentada por apenas 36 empresas - dentre as mais de 2500 empresas que exportam da região.



Volumes de soja exportada do Brasil em 2016 por comerciante

De todas as commodities geradoras de risco ambiental, a mais negociada nos mercados internacionais é a soja - incluindo grão, óleo e torta. Em 2016, três países sul-americanos - Brasil, Argentina e Paraguai - produziram juntos quase 50% da soja mundial numa área de aproximadamente 56 milhões de hectares, um aumento de 40 vezes desde 1970. Em 2018, o Brasil deverá ultrapassar os Estados Unidos para se tornar o maior produtor de soja do mundo.

Como commodity de risco ambiental, a produção de soja é um importante vetor na dinâmica territorial e por consequência encontra-se associada, direta ou indiretamente a todas modalidades de conversão de vegetação nativa em alguns dos biomas mais emblemáticos da América do Sul, particularmente o Cerrado brasileiro e o Gran Chaco na Argentina, Paraguai e Bolívia. Hoje, a expansão da soja no Cerrado é responsável por uma das mais dinâmicas fronteiras agrícolas do mundo. Vale lembrar que o Cerrado é considerado uma das mais biodiversas formas de savana conhecidas. Na mais nova região de fronteira da soja do Cerrado, conhecida como Matopiba, ao redor de 37% da expansão da soja na última década foi feita através da conversão direta de vegetação nativa.

Dada a sua relevância global como commodity de risco ambiental, a soja brasileira foi priorizada pelo Trase no seu esforço de mapeamento da transparência na cadeia de produção. As avaliações dos Anuários futuros serão expandidas para cobrir outras commodities e países mapeados no trase.earth. Até 2020, a Trase pretende cobrir 70% de todas as commodities de risco ambiental comercializadas globalmente.

Como a Trase avalia o risco de desmatamento nas cadeias de produção de commodities?

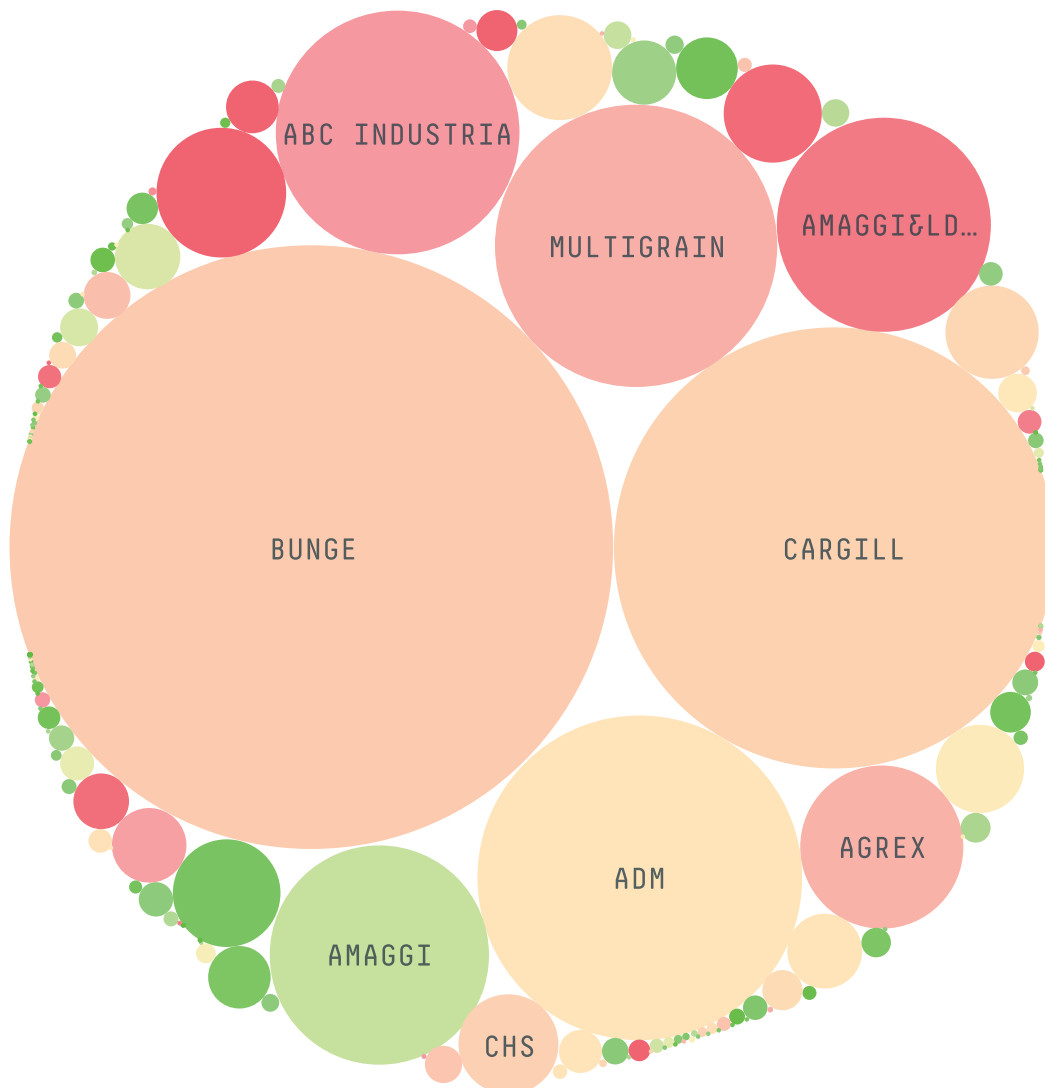
A Trase gera indicadores de “risco de desmatamento”, usando dados localizados sobre produção de commodities, padrões de compra e desmatamento. Esse indicador, medido em termos de hectares, avalia a exposição de uma empresa - ou de um país importador - ao risco de que a commodity que está comprando esteja associada ao desmatamento na região onde foi produzida. O risco total de desmatamento associado à cadeia de produção de um determinado comprador é calculado pela agregação da participação do desmatamento relacionado a commodities em cada região de compra proporcional à participação da soja total produzida naquela região sendo adquirida por aquele comprador. Portanto, se uma empresa está comprando 500 toneladas de soja de um município brasileiro que produz 1000 toneladas, e onde 800 hectares de desmatamento estão diretamente ligados à produção de soja, o risco de desmatamento de soja para aquela empresa é de 400 ha (50% do total). Para permitir comparações entre os atores que obtêm volumes de soja muito diferentes, uma medida relativa do risco de desmatamento é de hectares por tonelada de exportações.

O Anuário Trase 2018 utiliza apenas o risco de desmatamento diretamente associado à expansão da soja e inclui o desmatamento da vegetação nativa nos biomas da Amazônia e Cerrado. Publicações futuras do Trase deverão incorporar também os riscos de desmatamento indireto originados pela soja.

Principais resultados

Apenas 6 grandes empresas no mercado de soja (Bunge, Cargill, ADM, Louis Dreyfus, COFCO e Amaggi) foram responsáveis por 57% das exportações de soja do Brasil em 2016. Os compradores de soja destas seis empresas podem estar associadas a pelo menos dois terços do risco total de desmatamento associado à expansão da soja observados na última década.

Metade do risco total de desmatamento associado às exportações de soja brasileira em 2016 foi vinculado às importações chinesas. No entanto, se ajustarmos pelos volumes importados, outros mercados consumidores, inclusive União Européia,



Risco total de desmatamento dos principais comerciantes de soja 2006-2016

também foram expostos a um alto risco relativo de desmatamento por tonelada de soja. Cerca de 60% das exportações brasileiras de soja em 2016 foram para a China. Essas exportações foram associadas a 50% do risco total de desmatamento diretamente ligado às exportações brasileiras de soja em 2016. Apesar de muitos países europeus importarem quantidades muito menores de soja do que a China, a plataforma Trase demonstra que essas importações guardam uma forte associação com riscos de desmatamento.

Na última década, o Cerrado brasileiro, e principalmente a região do Matopiba, tornou-se o principal foco mundial de desmatamento e perda de habitat associado à soja.

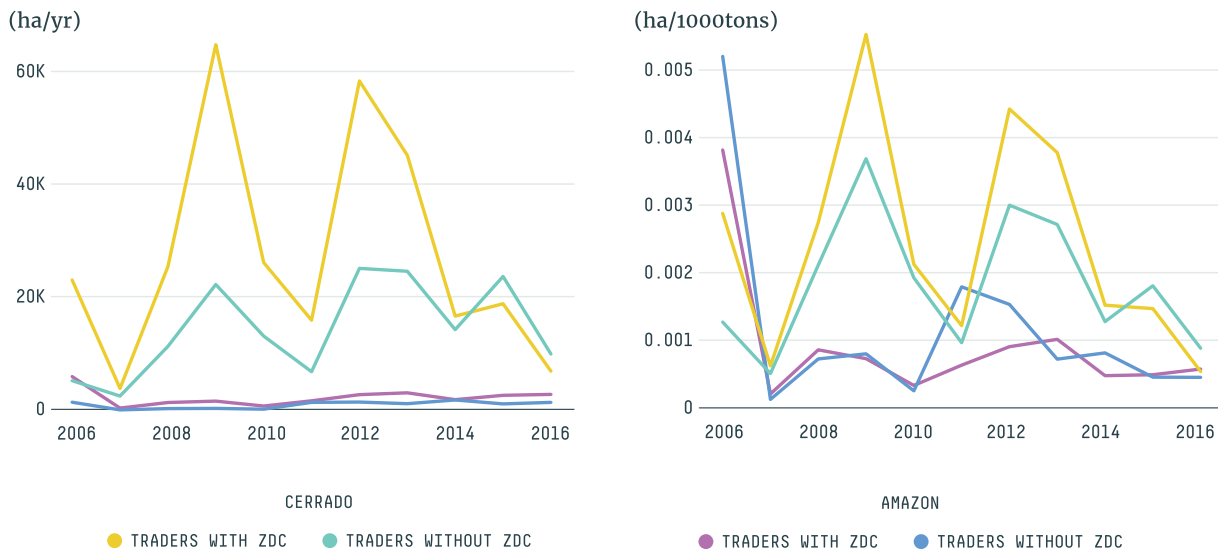
Entre 2000 e 2016, 14% de toda a expansão da soja no Cerrado brasileiro ocorreu apenas na região de Matopiba, sendo 37% diretamente sobre vegetação nativa. A maioria das empresas (80%) com o maior risco de desmatamento por tonelada em todo o Brasil obtêm volumes significativos de soja (> 10.000 toneladas por ano) oriundos desta região. A região também tem atraído novos pequenos operadores do mercado de soja. Essas empresas incluem joint-ventures e parcerias estrangeiras, algumas delas Asiáticas.

Grandes investimentos em infraestrutura própria mantém as fortes conexões de muitas empresas e seus consumidores - com regiões específicas de produção, incluindo locais de alto desmatamento.

Os dados mais recentes da Trase estimam que em cerca de 2/3 dos municípios exportadores de soja no Brasil - distribuídos em todo o país - mais da metade das exportações foi feita por um único exportador. Essas fortes conexões ressaltam o papel fundamental que essas empresas desempenham no desenho e na definição das trajetórias de desenvolvimento dessas regiões e por consequência na sustentabilidade futura da soja.

Mais de 40% de todas as exportações de soja do Brasil estão agora cobertas por alguma forma de compromisso de desmatamento zero (CDZ) - mas a cobertura permanece muito desigual entre as regiões.

Nos últimos anos, um número crescente de empresas nas cadeias de produção de soja brasileira vem fazendo CDZs. Em 2016, 42% das exportações de soja do Brasil foram cobertas por alguma forma de CDZ. Enquanto quase toda a soja exportada da Amazônia é coberta pela Moratória da Soja com algumas empresas ainda não signatárias, apenas metade da soja exportada do bioma Cerrado está coberta por algum compromisso de desmatamento zero (CDZ).



Risco de desmatamento de comerciantes com e sem compromissos de desmatamento zero

Os dados da Trase mostram que, durante a última década, empresas de soja que operam no mercado brasileiro que assumiram ou não compromissos de desmatamento zero, estiveram expostas a semelhantes riscos de desmatamento vinculados às suas atividades.

Para o período de 2006 a 2016, as quatro empresas que assumiram compromissos (ADM, Bunge, Cargill e Amaggi) foram expostas a um risco total de desmatamento e conversão de vegetação nativa de 326.000 hectares associados diretamente à expansão da soja. Embora os compromissos de desmatamento zero sejam um avanço positivo, ainda é cedo para avaliar sua eficácia na redução do desmatamento e conversão da vegetação nativa.

Os dados da Trase mostram que os sete países europeus (Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Holanda, Dinamarca e Noruega) que fizeram CDZs através da Declaração de Amsterdã permanecem expostos a altos níveis de risco de desmatamento.

Durante a última década, os signatários da Declaração de Amsterdã continuaram expostos a níveis relevantes de desmatamento, comparáveis a outros países importadores que não assumiram compromissos. Não se pode ainda observar qualquer impacto na redução do desmatamento associado à declaração que entrou em vigor em 2015.

Oportunidade para mudança e riscos futuros

Projeções governamentais da produção de soja no Brasil indicam um aumento na demanda equivalente a cerca de 10 milhões de hectares na próxima década. Muito dessa área de expansão provavelmente estará concentrada no bioma Cerrado. Garantir que essa expansão projetada não cause mais desmatamento é um imenso desafio. No entanto, é possível evitar maiores perdas, se tivermos um plano de expansão orientado à uma melhor utilização dos cerca de 20 milhões de hectares de terras já desmatadas no Cerrado, ocupadas por pastagem e que possuem excelente aptidão para receber soja.

Ao vincular empresas e consumidores de soja aos locais onde a soja é cultivada, os dados da Trase podem ajudar a identificar e monitorar riscos ambientais, destacar oportunidades para novas parcerias e investimentos que incrementem a sustentabilidade na cadeia da soja.



O que há de diferente na abordagem da Trase para o mapeamento da cadeia de suprimentos?

A Trase usa uma nova e poderosa abordagem para mapeamento e visualização de cadeias de suprimento permitindo um novo nível de compreensão para as complexas cadeias de commodities globais como soja, carne bovina e óleo de palma que impulsionam a maioria do desmatamento tropical na atualidade.

A Trase fornece mapas subnacionais exclusivos das cadeias de produção que conectam regiões, estados e municípios de produção com empresas e mercados consumidores. O foco jurisdicional da Trase torna possível discriminar as diferenças nas condições agrícolas e a sustentabilidade entre as diferentes regiões de abastecimento, ao mesmo tempo em que fornece uma cobertura completa das exportações de um determinado país.

A Trase usa apenas dados oficiais e públicos, como registros alfandegários e comprovantes de transporte, dados de registro de impostos e dados de produção subnacionais para gerar o mapeamento das cadeias de produção.

O futuro do Anuário Trase

O Anuário Trase 2018 é o primeiro relatório e tem foco nas exportações brasileiras de soja. Os próximos Anuários Trase trarão novas avaliações e atualizações da sustentabilidade de diferentes cadeias de produção de commodities com base nos dados exclusivos da Trase. A cobertura de futuras edições aumentará à medida que os mapas de cadeias de produção de novos produtos e países forem publicados na plataforma online da Trase, trase.earth.

Além de oferecer uma síntese dos principais indicadores de sustentabilidade de cadeias de produção, cada Anuário reportará uma atualização sobre as principais tendências observadas durante o ano anterior, bem como análises mais focadas em regiões e commodities prioritárias. A meta principal continuará sendo a avaliação do progresso em direção a compromissos de desmatamento zero e outras políticas de sustentabilidade, fornecendo um ponto de entrada para empresas individuais e governos avaliarem as tendências de risco e desempenho. Para ajudar a identificar novas oportunidades de mudança positiva, o Anuário será elaborado a partir desta avaliação para destacar tanto as limitações quanto os sucessos dos esforços de empresas e governos para melhorar a sustentabilidade da produção e do comércio de commodities de risco ambiental.

Parceiros e Financiadores

O Anuário Trase foi possível graças ao generoso financiamento da Fundação Gordon e Betty Moore, The Nature Conservancy, Fundo Global para o Meio Ambiente, através da Good Growth Partnership, via Fundo Mundial para a Natureza (WWF) e do Instituto Sueco de Pesquisa Formas.

A Trase é uma parceria entre o Instituto Ambiental de Estocolmo e o Global Canopy, trabalhando em colaboração com o Instituto Florestal Europeu, a Vizzuality e outros parceiros. O Anuário Trase 2018 foi produzido em parceria com a Université Catholique de Louvain, Universidade de Chalmers e outros.

A JOINT INITIATIVE



trase.earth